

PÓS MODERNISMO

STANLEY J. GRENZ

Um guia para entender
a filosofia de nosso tempo


VIDA NOVA

Este livro é uma excelente introdução ao universo ético, cultural e principalmente intelectual do pensamento pós-moderno. Temas polêmicos tais como a desconstrução do sujeito de Michel Foucault, o conceito de *differance* de Jacques Derrida, a utopia pragmática de Richard Rorty, entre outros, são abordados com clareza e conhecimento admiráveis. Além disso, Grenz demonstra uma habilidade ímpar na explicação de conceitos filosóficos e teológicos que marcaram a história do pensamento ocidental. Portanto, é com imensa satisfação que recomendamos mais esta preciosa obra publicada por Edições Vida Nova.

JONAS MADUREIRA

É bacharel e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Também é professor de Filosofia e Teologia Sistemática no Seminário Teológico Betel Brasileiro e no Seminário Teológico Bethesda, ambos em São Paulo.

Para Leighton Ford,

*um cristão visionário que se
dedica à formação de líderes
para um mundo pós-moderno*

PREFÁCIO

GOSTARÍAMOS QUE VOCÊ VIESSE A CHARLOTTE, NA CAROLINA DO NORTE, NOS DIAS 26, 27 e 28 de outubro de 1993 para integrar um grupo de especialistas de cerca de doze membros. Trata-se de um grupo que procura discutir o ministério dos que se dedicam a tirar os cristãos da infância espiritual. Esse convite me fora feito por Tom Hawkes, da equipe ministerial de Leighton Ford.

— Não sou a pessoa indicada, respondi-lhe. “Sou um acadêmico, não sou um homem prático”.

— Exatamente por isso estamos lhe convidando, disse-me ele. “Nós, os pragmáticos, precisamos que você nos ajude a entender o que significa o pós-modernismo”.

O tema, “pós-modernismo”, não era exatamente uma novidade para mim. Na verdade, dois livros de minha autoria já haviam levantado a questão da forma da teologia evangélica num contexto pós-moderno emergente. Todavia, a reunião a se realizar em Charlotte impeliu-me a concentrar meus esforços para compreender o significado exato — tanto quanto possível — do pós-modernismo.

A experiência de Charlotte desencadeou a idéia de escrever um livro, uma “introdução” que servisse de auxílio a estudantes, líderes de igreja, jovens obreiros e até mesmo colegas, possibilitando-lhes compreender o comportamento ou a atitude mental que se tem tornado cada vez mais predominante na América do Norte, particularmente (mas não exclusivamente) nos *campi* universitários. Nos telefonemas preliminares que dei a vários editores — dentre eles a Jon Pott, da Eerdmans Publishing Company —, bem como nas discussões que se seguiram na reunião da Academia Americana de Religião (em novembro de 1993), ficou claro o interesse pelo projeto.

Nesse ínterim, o professor David Dockery sugeriu que eu apresentasse uma dissertação no encontro regional do setor sudeste da Sociedade Teológica Evangélica, a se realizar no *campus* do Seminário Teológico Batista do Sul em março de 1994. O evento de que participei em Charlotte lançou os fundamentos para um ensaio, “*Star trek and the next generation: Postmodernism and the future of evangelical theology*” [Jornada nas estrelas e a nova geração: o Pós-modernismo e o futuro da teologia evangélica].

Esse ensaio foi publicado na revista trimestral *Cruix* do Regent College em março de 1994 e teve imensa repercussão. Desde então, já foi reimpresso diversas vezes, inclusive na coleção de ensaios da Sociedade Teológica Evangélica, *The challenge of postmodernism: an evangelical engagement* [O desafio do pós-modernismo: um embate evangélico] (editado por David S. Dockery, Wheaton, Ill.: Bridgepoint, 1995).

Depois de elaborado esse estudo, continuei a debruçar-me sobre o pós-modernismo. Queria entender o que advogavam os intelectuais do movimento e em que medida o espírito característico do pós-modernismo permeava nossa cultura. O convite para ministrar um curso no NISSET 94, que vem a ser o programa nacional de treinamento da InterVarsity Christian Fellowship [representada no Brasil pela ABU — Aliança Bíblica Universitária], foi a oportunidade de que tanto precisava para fixar uma data de término para a minuta inicial de minhas descobertas bem como para testar suas conclusões no campo. O que o leitor tem em mãos agora é uma versão revisada desse material.

Este livro segue uma disposição um tanto incomum. É possível ver nos capítulos 1 e 7 o escopo completo desta obra. O capítulo de abertura, “Jornada nas estrelas e a geração pós-moderna”, apresenta, de forma embrionária, todo o material de que se ocupa integralmente o livro. O capítulo final, “O evangelho e o contexto pós-moderno”, apresenta uma resposta sintética ao pós-modernismo, uma resposta preliminar à pergunta “E daí?” Se você não está familiarizado com o pós-modernismo, aconselho a ler em primeiro lugar os capítulos mencionados.

Nos capítulos 2 e 3, trato da situação pós-moderna em geral ao discutir a questão “Por que tanto barulho afinal?” Essa seção chama a atenção do leitor para o espírito intelectual e cultural mais amplo

que, de forma crescente, molda o contexto em que vivemos e ministramos atualmente.

O material realmente emocionante encontra-se nos capítulos 4, 5 e 6. O pós-modernismo, no fim das contas, é um desenvolvimento intelectual. Nessa seção do livro, faço um levantamento das forças intelectuais que levaram muitas pessoas de nossa sociedade a rejeitarem a modernidade e se lançarem nas águas ainda desconhecidas da pós-modernidade. O ápice dessa discussão consiste na exposição do pensamento dos três maiores gurus pós-modernos: Michel Foucault, Jacques Derrida e Richard Rorty (cap. 6).

O leitor notará que, a despeito da farta documentação desta obra, o texto em si não traz citações extensas. Quando leio livros como este, tenho a tendência de passar por cima desse tipo de material. Meu objetivo principal consiste sempre em descobrir o que diz determinado *autor* sobre o tópico em pauta, e não vaguear pelas opiniões de outros. Parto do princípio de que o leitor, se quisesse debater-se com a leitura dos escritos de pós-modernistas tais como Foucault, Derrida ou Rorty, teria recorrido diretamente a suas obras, e não a esta introdução. Minha preocupação aqui é dar uma visão abrangente do material original desses autores e suprir o leitor com as ferramentas básicas para a compreensão do tópico em questão. Espero que esta discussão preliminar sirva-lhe de auxílio e de incentivo para a leitura posterior das obras dos autores aqui tratados.

Num esforço para dar ao leitor um aperitivo do trabalho das principais vozes engajadas nessa discussão intelectual, pus aqui e ali algumas citações de seus escritos mais representativos. Elas não são parte integrante do texto; ali figuram tão-somente como apêndices. Espero que sirvam para estabelecer uma espécie de diálogo com o texto à medida que a leitura de ambos, citações e textos, se desenvolve. Pode ser também que elas o intriguem a ponto de se sentir desejoso de ler os livros originais dos autores citados.

Ao ler este livro, tenha em mente meu objetivo primordial, que é dar ao leitor uma compreensão dos fundamentos do espírito característico pós-moderno, especialmente de sua orientação intelectual. O pós-modernismo, sem dúvida alguma, está aberto à crítica séria e já foi

desafiado em várias frentes por diversos estudiosos. Os cristãos, em última análise, não devem deixar de combater criticamente o pós-modernismo sempre que necessário. Ao mesmo tempo, devem também estar abertos às coisas que o pós-modernismo pode nos ensinar de bom e que funcionam como um corretivo para a modernidade. Seja qual for o caso, é preciso que entendamos total e precisamente o espírito intelectual emergente para que possamos encarnar e proclamar o evangelho de modo convincente num contexto pós-moderno.

Não estou em posição de especificar com exatidão de que modo os cristãos devem ministrar a uma geração pós-moderna, pois sou, no fim das contas, um acadêmico. Deixo aos mais experientes nas coisas práticas — como você, leitor — a tarefa de passar do entendimento da geração de *Jornada nas estrelas* para o serviço em benefício dela.

Por fim, quero agradecer o apoio e a assistência de muitas pessoas na elaboração deste livro: a equipe da Carey Theological College, particularmente a George Capaque, meu assistente de ensino; aos funcionários da Eerdmans, especialmente a Jon Pott, que me incentivou nessa empresa, e a Tim Straayer, que se incumbiu da tarefa de edição. Porém, agradeço principalmente aos estudantes da comunidade de Carey/Regent e de outras instituições acadêmicas que participaram de meus cursos; aos obreiros da InterVarsity, que estiveram presentes aos seminários que ministrei, e aos membros de várias igrejas onde discursi sobre o assunto deste livro; todos ouviram-me pacientemente (às vezes, nem tanto) e ajudaram-me a aguçar minha compreensão desse fenômeno complexo a que chamamos “pós-modernismo”. O espírito pós-moderno rompe com o conceito do autor solitário, portanto, reconheço que cada uma dessas pessoas tem sua contribuição na autoria deste livro.

in omnibus glorificetur Deus

“seja Deus glorificado em todas as coisas”

Stanley J. Grenz

1996

JORNADA NAS ESTRELAS E A GERAÇÃO PÓS-MODERNA

CAPÍTULO UM

A CÂMERA FOCALIZA UMA ESPAÇONAVE FUTURÍSTICA TENDO POR PANO DE FUNDO UM cenário onde se vêem galáxias distantes. A voz do narrador anuncia orgulhosamente o famoso bordão: “O espaço — a fronteira final. Estas são as viagens da nave espacial *Enterprise* em sua missão de 5 anos de explorar novos mundos, novas civilizações, corajosamente indo aonde o homem jamais esteve”.

Essas palavras marcavam o início de cada um dos episódios da série de TV, de grande audiência, *Jornada nas estrelas* e, depois, *A nova geração*, cuja temporada final encerrou-se em maio de 1994.

Sob muitos aspectos, *A nova geração* foi simplesmente uma versão atualizada da antiga série *Jornada nas estrelas*, agora situada num tempo futuro, depois da resolução de algumas dificuldades políticas galácticas que atormentavam o universo dos viajantes espaciais da série clássica. Todavia, pouco tempo depois que a nova estirpe de exploradores, sob o comando de Jean-Luc Picard, assumiu o controle da *Enterprise*, comandada em tempos passados pela tripulação do Capitão Kirk, mas agora remodelada, os criadores da série descobriram que o mundo de sua audiência estava em meio a um sutil deslocamento de paradigma: a modernidade estava gerando a pós-modernidade. Conseqüentemente, *A nova geração* tornou-se um reflexo — talvez até mesmo um modelador — da cosmovisão da geração emergente.

As mudanças evidentes na transição de *Jornada nas estrelas* para *Jornada nas estrelas: A nova geração* refletem um processo de transição mais profunda na sociedade ocidental.

Da Modernidade à Pós-modernidade

Há um consenso entre muitos observadores sociais de que o mundo ocidental está em meio a transformações. Na verdade, tudo indica que estamos passando por um deslocamento cultural só comparável às inovações que marcaram o nascimento da modernidade dos escombros da Idade Média: estamos fazendo a travessia da era moderna para a pós-moderna¹. É claro que os períodos de transição são terrivelmente difíceis de descrever e de avaliar. Tampouco sabemos com certeza que características terá esse período emergente.² Não obstante, vemos sinais de que essas alterações monumentais estão engolfando todos os aspectos da cultura contemporânea.

O termo *pós-moderno* talvez tenha sido cunhado e empregado pela primeira vez na década de 30 para se referir a uma importante transição histórica que já estava em andamento³ e também como

¹ Ver, e.g., Diogenes ALLEN, *Christian belief in a postmodern world: the full wealth of conviction* (Louisville, Westminster/John Knox Press, 1989, p. 2).

² Alguns pensadores mais audaciosos têm procurado descrever a nova atitude pós-moderna, contudo, seus esquemas tendem a refletir suas simpatias pessoais. Sallie McFague, por exemplo, inclui entre as suposições pós-modernas “uma maior valorização da natureza, um reconhecimento da importância da linguagem para a existência humana, uma admiração refinada pela tecnologia, uma aceitação do desafio que outras religiões colocam para a tradição judaico-cristã, uma sensibilidade apocalíptica, uma sensação de deslocamento do homem branco ocidental e a ascensão dos despossuídos em virtude de seu sexo, raça, ou classe; talvez mais significativa ainda seja a conscientização crescente da interdependência radical da vida em todos os níveis e de todos os modos imagináveis” (*Metaphorical theology*, Philadelphia, Fortress Press, 1982, p. x-xi).

³ Para uma discussão dos usos mais antigos do termo, ver Margaret ROSE, “Defining the post-modern”, in: *The post-modern reader*, editado por Charles Jencks (New York, St. Martin’s Press, 1992, p. 119-36).

designação para certos desenvolvimentos nas artes⁴. Todavia, o pós-modernismo não ganhou atenção generalizada até a década de 70. Primeiramente, denotava um novo estilo de arquitetura. Em seguida, invadiu os círculos acadêmicos, primeiramente como um rótulo para as teorias expostas nos departamentos de Inglês e de Filosofia das universidades. Por fim, tornou-se de uso público para designar um fenômeno cultural mais amplo.

Quaisquer que sejam os outros significados que se possam atribuir ao pós-modernismo, conforme indica o termo, sua significação relaciona-se com o deslocamento para além do modernismo. Ele implica, especialmente, uma rejeição da atitude mental moderna, embora tenha sido lançado no âmbito da modernidade. Portanto, para entender o pensamento pós-moderno, é preciso vê-lo no contexto do mundo moderno, que o deu à luz, e ao qual ele se opõe.

A Mente Moderna

Muitos historiadores fixam a data do nascimento da era moderna no alvorecer do Iluminismo, logo após a Guerra dos Trinta Anos. O cenário, contudo, fora armado anteriormente — na Renascença, que elevava a humanidade ao centro da realidade. Típico da nova perspectiva era a visão de Francis Bacon de que os homens podiam dominar a natureza se descobrissem os segredos dela.

Bebendo na fonte da Renascença, o Iluminismo elevou o indivíduo ao centro do mundo.⁵ René Descartes lançou as bases filosóficas do edifício moderno ao privilegiar o papel da dúvida, concluindo daí que a existência do ser pensante é a primeira verdade

⁴ Craig VAN GELDER, “Postmodernism as an emerging worldview”, *Calvin Theological Journal* 26 (1991): 412.

⁵ Para uma breve discussão do período do Iluminismo e de seu impacto sobre a teologia cristã, ver Stanley J. GRENZ e Roger E. OLSON, *Twentieth-century theology: God and the world in a transitional age* (Downers Grove, Ill., InterVarsity Press, 1992).

que não pode ser negada pela dúvida — um princípio formulado por meio de sua apropriação da máxima de Agostinho *Cogito ergo sum* [Penso, logo existo]. Descartes, portanto, definiu a natureza humana como uma substância pensante e a pessoa humana como um sujeito racional autônomo. Posteriormente, Isaac Newton deu à modernidade seu arcabouço científico ao descrever o mundo físico como uma máquina cujas leis e regularidade podiam ser apreendidas pela mente humana. O ser humano moderno pode muito bem ser descrito como a substância autônoma e racional de Descartes, cujo hábitat é o mundo mecanicista de Newton.

O Projeto do Iluminismo

Os postulados do ser pensante e do universo mecanicista abriram o caminho para a explosão do conhecimento sob a égide daquilo a que Habermas se referia como “Projeto do Iluminismo”. A busca intelectual do ser humano elegera como seu objetivo revelar os segredos do universo para pôr a natureza a serviço do homem, criando assim um mundo melhor. Essa busca culminou na modernidade característica do século XX, cujo empenho tem sido infundir na vida um gerenciamento racional capaz de aperfeiçoar a existência humana por intermédio da tecnologia.⁶

O projeto do Iluminismo traz em seu fundamento algumas suposições epistemológicas. A mente moderna supõe, especificamente, que o conhecimento é preciso, objetivo e bom.⁷ Além do mais, os modernos supõem que, em princípio, o conhecimento é acessível à mente humana.

⁶ VAN GELDER, “Postmodernism as an emerging worldview”, p. 413.

⁷ Para a suposição modernista da objetividade do conhecimento, ver James M. KEE, “Postmodern thinking and the status of the religions,” in: *Religion and literature* 22 (verão-outono de 1990): 49.

O projeto de modernidade formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo consiste num desenvolvimento implacável das ciências objetivas, das bases universalistas da moralidade e da lei e de uma arte autônoma consoante a lógica interna delas, constituindo ao mesmo tempo, porém, uma libertação dos potenciais cognitivos acumulados em decorrência de suas altas formas esotéricas e de sua utilização na práxis; isto é, na organização racional das condições de vida e das relações sociais. Os proponentes do Iluminismo [...] cultivavam ainda a expectativa extravagante de que as artes e as ciências não somente aperfeiçoariam o controle das forças da natureza, como também a compreensão do ser e do mundo, o progresso moral, a justiça nas instituições sociais e até mesmo a felicidade humana.

Jürgen HAERMS, "Modernity: an unfinished project", in: *The post-modern reader*, editado por Charles Jencks (New York, St. Martin's Press, 1992, p. 162-63).

A demanda por um determinado tipo de conhecimento faz com que o pesquisador moderno busque um método que demonstre a correção fundamental das doutrinas filosóficas, científicas, religiosas, morais e políticas.⁸ O método iluminista coloca muitos aspectos da realidade sob o escrutínio da razão e avalia aquela com base neste critério.⁹ Isto significa que este método crê piamente nas capacidades racionais do ser humano.

A perspectiva iluminista supõe que o conhecimento não somente é exato (e, portanto, racional) como também objetivo. A suposição da objetividade faz com que o modernista reivindique o acesso ao conhecimento desapaixonado. Os sábios modernos professam ser mais

⁸ Richard LUECKE, "The oral, the local and the timely", *Christian century*, 3 de outubro de 1990, p. 875.

⁹ Klaus HEDWIG, "The philosophical presuppositions of postmodernity", *Communio* 17 (verão de 1990): 168.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
CAPÍTULO UM	
Jornada nas Estrelas e a Geração Pós-moderna.....	11
CAPÍTULO DOIS	
O Espírito Pós-moderno	25
CAPÍTULO TRÊS	
A Cosmvisão Pós-moderna	63
CAPÍTULO QUATRO	
O Surgimento do Mundo Moderno	89
CAPÍTULO CINCO	
Prelúdio ao Pós-modernismo	121
CAPÍTULO SEIS	
Os Filósofos do Pós-modernismo	177
CAPÍTULO SETE	
O Evangelho e o Contexto Pós-moderno	231
BIBLIOGRAFIA	247

ESTE LIVRO É DESTINADO àqueles que desejam encontrar um estudo que explique, em uma linguagem acessível e abrangente, o que é o pós-modernismo. Mas por que é assim tão importante entender o pós-modernismo?

Vivemos em uma época de incertezas, de transição. Época em que os ideais pautados nos princípios racionais da modernidade perderam a vitalidade. Esses ideais otimistas, que acalentavam o sonho de construir uma sociedade mais justa e igualitária, ruíram diante das atrocidades das guerras e dos regimes totalitários do século XX. A esperança de que a racionalidade conduziria o ser humano ao progresso e ao conhecimento das origens e causas do universo tornou-se cada vez mais pálida ante o pessimismo que se instaurou em nossos dias.

A única certeza que temos é a de que estamos entrando em uma nova fase da história da humanidade. Uma fase que apresenta uma nova maneira de ver o mundo. Que nova maneira é essa? O que motiva essa nova visão de mundo? O que pregam os principais expoentes intelectuais desse novo tempo? Quais são os desafios que se nos apresentam? Essas e outras questões relativas a esse novo tempo denominado "pós-modernidade" ou "modernidade tardia" serão cuidadosamente analisadas por Stanley J. Grenz neste livro. Sem dúvida, trata-se de uma obra de referência indispensável, recomendada a todos aqueles que desejam compreender os contextos ético, cultural e intelectual de nossos dias.




VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-65-275-0387-7



9 786527 503877